

AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A INCLUSÃO DE ALUNOS CEGOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Autoria: **SILVA, Bruna Leão¹**

Acadêmico do curso de Educação Física – Universidade Luterana do Brasil –
Santa Maria/Rio Grande do Sul

Contato: brunaleao.silva@outlook.com

Autoria: **ROSA, Larissa Jaime²**

Professor(a) Orientador(a): **Dr^o Maria Cristina Chimelo Breno Paim**

Coordenadora do Curso de Educação Física – Universidade Luterana do Brasil –
Santa Maria/Rio Grande do Sul

Contato: crischimelo@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo o relato das atividades corporais realizadas com uma aluna cega na educação infantil. A pesquisa foi fruto de observação direta do trabalho de uma professora em uma escola pública de Santa Maria. Como instrumentos de coleta utilizaram um roteiro de observação, onde o foco foi o processo de inclusão na turma, juntamente com a identificação das dificuldades e facilitadores do trabalho com crianças especiais na educação infantil. Após a análise dos resultados podemos observar através do depoimento da professora da Escola que: “Muitas são as dificuldade dos profissionais envolvidos para trabalhar com a Inclusão de alunos nesta faixa etária de idade, ocasionados muitas vezes pela falta de conhecimento das necessidades especiais, pelo medo de expor os pequenos a riscos e a falta de qualificação profissional para atender o aluno cego juntamente com os demais alunos no processo de inclusão. O aluno cego apresenta dificuldades em fazer as algumas das atividades propostas nas aulas e há necessidade de existirem atividades redirecionadas a fim de contemplar essas necessidades especiais, atendendo assim a crianças na turma de educação infantil e todos os demais alunos de maneira com que a criança aprenda e se desenvolva sem deixar de lado a socialização da mesma com os colegas nem dar menor atenção aos outros alunos da classe. Outro fator de importância é o acompanhamento do educador especial e monitor para o aluno com necessidade especial, o acompanhamento do orientador pedagógico e ainda a importância na busca pelo professor em uma qualificação profissional para complementar o seu trabalho em relação ao aluno com deficiência visual sem deixar de lado a ludicidade tão importante nessa idade escolar.

Palavras-Chave: **Inclusão Educacional, Educação Física e Educação Infantil.**

INTRODUÇÃO

A idéia do presente artigo surgiu da percepção da dificuldade encontrada em trabalhar com crianças cegas na educação infantil e os meios que professores encontram para que o processo de inclusão realmente aconteça com o aluno cego nas aulas de educação física. Pressupõem que profissionais das áreas de Psicologia e Educação devem ter conhecimentos sobre os diferentes tipos de deficiências, como elas apresentam-se em cada quadro, as limitações reais expostas por cada deficiência e, principalmente, as infinitas possibilidades de desenvolvimento, crescimento e aprendizagem desses sujeitos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Assim, objetivaram neste artigo apresentar e analisar informações sobre o processo de inclusão de uma aluna cega da rede pública de ensino da cidade de Santa Maria. Porém para que possam falar a respeito de qualquer tipo de necessidade especial é preciso que conheçam um pouco da mesma e entendam o que realmente acontece com estes sujeitos/alunos.

A cegueira é uma deficiência visual, ou seja, uma limitação de uma das formas de apreensão de informações do mundo externo - a visão. Há dois tipos de deficiência visual: cegueira e baixa visão. Devido às muitas discussões sobre a deficiência e seus estigmas, é comum a preocupação com os termos utilizados a fim de que eles não sejam pejorativos nem reflitam preconceitos. Em face disto, algumas pessoas preferem o termo deficiente visual à palavra cego. Todavia, esses termos não são equivalentes. O conceito de deficiência visual é mais abrangente visto que engloba não só a cegueira como também a baixa visão. Utilizamos a palavra por seu caráter descritivo: cego é aquele que é privado de visão, segundo o dicionário Houaiss. “Sylvia Nunes José Fernando Bitencourt Lomônaco” (2010).

É preciso falar desta realidade sem que a mesma apresente um caráter de preconceito, pois ao utilizarem do termo cego muitas das vezes entendem como preconceito ou taxam de forma de menosprezo ao falar, porém trata-se apenas da forma correta de identificar a especialidade do aluno. “Na escola inclusiva professores e alunos aprendem uma lição que a vida dificilmente ensina: respeitar as diferenças, esse é o primeiro passo para construir uma sociedade mais justa” (MANTOAN, 2005, p. 24-26).

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a formulação do presente artigo foi a análise direta de aulas de educação física assim como a observação dos comportamentos da aluna analisada, a professora e o grupo escolar em questão, também foram realizadas entrevistas com a professora responsável pela turma. Participaram da pesquisa uma Professora da Rede Pública da cidade de Santa Maria, uma aluna especial da educação infantil, os demais alunos da turma e também todo o quadro escolar. Como instrumentos de coleta foram realizados inúmeras observações de aulas e diálogos com a professora responsável pela turma.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Puderam observar nas aulas de educação física a qual acompanharam a aluna, que muitas vezes a professora encontra inúmeras dificuldades de trabalhar atividades corporais com a criança, primeiramente pela falta de preparo específico na área de educação especial, também analisaram algumas deficiências na infra-estrutura da escola, mas dentre as situações,

a que mais se destacou foi o receio da professora em expor a aluna cega a algumas atividades corporais, principalmente por se tratar de uma criança em período inicial de formação de conhecimentos motores, podendo facilmente se machucar, pois ainda não possui um total controle de seus movimentos. Destacou-se nas aulas a alegria e satisfação da aluna em participar e sentir-se parte do todo, ela apresentava bastante facilidade na compreensão das explicações que a professora oralmente disponibilizava, porém em muitos momentos puderam perceber a tamanha necessidade da professora em receber o auxílio do monitor para que a aluna pudesse participar da aula com segurança e para que a professora pudesse ministrar sua aula sem deixar de disponibilizar a mesma atenção para com os demais alunos, lembrando que o profissional de auxílio ou monitor de educação especial nas escolas é um direito de toda a criança com necessidades especiais e é uma obrigação do estado. A partir das observações, perceberam que as aulas eram todas criadas a partir da aluna especial, não de maneira a enfatizar o fato de a criança ser cega, mas sim criar uma aula onde ela pudesse participar de maneira igual pra igual com seus colegas, claro que sem nunca deixar de respeitar sua necessidade, mas criar uma aula onde a palavra inclusão realmente recebesse seu caráter verdadeiro de modo com que todos os alunos conseguissem participar e aprender por igual.

CONCLUSÃO

Ao finalizar o presente estudo puderam inferir que são inúmeras as possibilidades de inclusão desde que o professor, o meio escolar e a família se disponibilizem para que este processo de inclusão ocorra. Permitem também afirmar que a aluna do estudo em questão estava sendo totalmente incluída nas aulas e que apresentava-se bastante feliz com isso, também é interessante ressaltar a facilidade na inclusão durante a infância, pois era bastante nítida a colaboração dos demais colegas com a aluna e pelo carinho que os mesmos demonstravam a ela, com toda a certeza o trabalho ficava cada vez mais fluente.

“A socialização da criança não só ativa e exercita suas funções psicológicas, como é a fonte do surgimento de uma conduta determinada historicamente (...). A relação social é a fonte do desenvolvimento dessas funções, particularmente na criança deficiente mental” (Vygotsky, 1989, p.109).

Claro que sabem dos contras que ainda existem em relação a inclusão de crianças especiais nas escolas de ensino regular e sabem da dificuldade que muitas famílias enfrentam para que seus filhos possam receber um ensino de qualidade tratando-se de crianças especiais, vêm todos os dias nos noticiários e jornais a respeito de processos que muitas famílias precisam brigar na justiça para conseguir o que é de direito de seus filhos e decretado em lei, que é o suporte do monitor qualificado para auxiliar estas crianças nas aulas.

Precisa-se então de cada vez mais professores interessados em colocar em prática a questão “inclusão” e fazer com que a mesma ocorra, palavra esta que sabemos que no papel é bem simples porém quando levada para a prática muda-se totalmente de forma. Necessita-se de cada vez mais professores como esta que citaram no estudo acima, que independente das questões de infra-estrutura e material, fazem com que a inclusão ocorra e com ela a construção do conhecimento de mais alunos, não poderia deixar de ser citada também a valorização dos profissionais da área da educação questão esta que é tema de debate no país inteiro.

O que levaram então é a questão inclusão como algo possível, novo porém real que será encontrado cada vez mais nas escolas e no dia a dia dos educadores.

REFERÊNCIAS

NUNES,Sylvia e LOMÔNACO, José Fernando Bitencourt. **O Aluno Cego: Preconceitos e Potencialidades**. Revista: Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional. Volume 14. Pág: 55-64. Ano: 2010. Acesso em: 23 março 2017

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003. Acesso em: 2017

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1989. Acesso em: 2017